

D. ANTÓNIO COUTO

INTRODUÇÃO AO
EVANGELHO SEGUNDO
MATEUS



APRESENTAÇÃO

Eis a prometida *Introdução ao Evangelho segundo Mateus*, concebida para formar um díptico com *Quando Ele nos abre as Escrituras Domingo após Domingo. Uma leitura bíblica do Lecionário (Ano A)*, já publicada pela PAULUS Editora. Esta *Introdução* pode ser útil para quem quiser, de forma sucinta, ter um guia que ajude a compreender o Evangelho segundo Mateus. Mas pode ser também útil para ajudar a situar os textos deste Evangelho que vão ser objeto de escuta qualificada ao longo do Ano Litúrgico A.

Além de fornecer as chaves fundamentais que ajudam a uma melhor compreensão do Evangelho segundo Mateus, esta *Introdução* também apresenta, no seu contexto, muitos textos, o que pode facilitar o estudo e a leitura. O texto do Evangelho é, como se sabe, sempre a filigrana ou a pedra preciosa que há que encontrar. As palavras desta breve *Introdução* querem prestar apenas o humilde serviço de ajudar o leitor a encontrar a filigrana ou o tesouro, que é Jesus Cristo, Ele mesmo o Evangelho e o Evangelizador.

Esta obra é composta por duas partes: um «Pórtico de Entrada», que apresenta os aspetos fundamentais a ter em conta para entrar neste Evangelho, a que se segue a oferta de uma «Leitura Temática», em que são estudados os principais discursos em que habitualmente aparece organizado o Evangelho segundo Mateus. Nesta Leitura Temática, partimos do centro para a periferia. Quer isto dizer que começamos por apresentar o Discurso das Parábolas, seguindo-se o Discurso Eclesial e o Discurso Missionário, vindo depois o Discurso programático da Montanha e o Discurso Escatológico, para finalmente encararmos o Relato da Infância e da Paixão e o Anúncio da Ressurreição.

Desejo ao leitor uma leitura saborosa e proveitosa.

1.

O QUE É UM EVANGELHO, UM «EUAGGÉLION»?

Qualquer criança da catequese responde facilmente a esta pergunta, dizendo que é um livro que nos conta coisas sobre Jesus. Se perguntarmos depois quantos são os evangelhos, a mesma criança dir-nos-á que são quatro, e até saberá dizer os títulos por que são conhecidos: segundo Mateus (*katà Maththaïon*), Marcos, Lucas e João. Um bom catequista saberá, com certeza, acrescentar que estes quatro livros são os primeiros do Novo Testamento, e talvez saiba ainda precisar que nós chamamos estes livros «evangelhos canónicos» para os distinguir de muitos outros que são chamados «apócrifos».

É hoje vulgar, de facto, confundir um evangelho com um livro. E talvez seja por isso que temos hoje esses livros tranquilamente arrumados na prateleira, de onde até talvez os retiremos de vez em quando para ler um ou outro episódio, sem que a nossa vida seja por isso substancialmente afetada.

A verdade é que dificilmente podemos hoje traduzir o termo *euaggélion* por “evangelho”, e muito menos confundi-lo com um livro. Uma boa tradução terá de passar *euaggélion*, não por “evangelho”, mas por “evangelização”, dado que *euaggélion* significa anunciar a notícia feliz da Ressurreição de Jesus. É, no cristianismo primitivo, um nome de ação, um *nomen actionis*¹, e não um

¹ U. BECKER, *Evangelio (euaggélion)*, in L. COENEN, E. BEYREUTHER, H. BIETENHARD (eds.), *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*, vol. II, Salamanca, Sígueme, 1980, p. 150.

nome de estado, um *nomen status*. Pecado nosso que tamanha ação tenha parado na estante.

Este movimento de evangelização (*euaggélion*) traduz-se sobretudo no anúncio da Ressurreição de Jesus, que marca o fim do relato e desencadeia, portanto, também o início do relato. Na verdade, tudo quanto vemos relatado no Evangelho e também o movimento de evangelização a cargo dos evangelizadores decorre da Ressurreição de Jesus e já está por ela impregnado. Depois e por causa da Ressurreição de Jesus.

2.

PORQUE É QUE O EVANGELHO SEGUNDO MATEUS É O PRIMEIRO NA ORDEM CANÔNICA?

É hoje consensual entre os estudiosos dos evangelhos que o Evangelho segundo Marcos foi o primeiro a ser escrito. Sendo o primeiro na ordem cronológica, não o é, porém, na ordem canônica, que abre com o Evangelho segundo Mateus. Qual a razão deste posicionamento? Deve-se, sem dúvida, à grande importância que este Evangelho granjeou na Igreja primitiva, sobretudo devido à clareza e riqueza temática dos largos, solenes e pausados discursos de Jesus que aí encontramos, e que constituem um imenso tesouro para a vida da Igreja. Não admira, neste contexto, que o testemunho constante e unânime da tradição antiga (Ireneu, Clemente de Alexandria, Papias, Orígenes, Epifânio, Jerónimo...) tenha consagrado este Evangelho como o «Evangelho da Igreja»². De resto, já alguém anotou que passar do Evangelho segundo Marcos para o Evangelho segundo Mateus é como «deixar a natureza para entrar numa Igreja»³.

² X. LÉON-DUFOUR, *Les Évangiles Synoptiques*, in A. GEORGE, P. GRELOT (eds.), *Introduction Critique au Nouveau Testament*, II, Paris, Desclée, 1976, p. 73; R. E. BROWN, *An Introduction to the New Testament*, Nova Iorque, Doubleday, 1997, p. 171; T. COSTIN, *Il perdono nel Vangelo di Matteo. Uno studio esegetico-teologico*, Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2006, p. 10.

³ LÉON-DUFOUR, p. 74.

Mas importa considerar também outros motivos de relevo, sobretudo no que se refere à fundamental questão do corpo das Escrituras. Importa recordar que, ao tempo de Jesus e da redação dos escritos neotestamentários, as Escrituras eram o que nós hoje conhecemos por «Antigo Testamento» ou «Primeiro Testamento». A parte das Escrituras que hoje conhecemos por «Novo Testamento» não existia ainda, e não era fácil acrescentar algum texto mais ao corpo das Escrituras recebidas, conhecidas e acreditadas. Ora, o Evangelho segundo Mateus apresenta-se com um exemplar sistema de encaixes que o inserem maravilhosamente no trajeamento das Escrituras recebidas e conhecidas: 1) desde logo a sua composição à volta de cinco discursos de Jesus, que lembram os cinco livros de Moisés ou Pentateuco, base das Escrituras recebidas⁴; 2) depois, a genealogia com que abre este Evangelho, e que mostra Jesus no seguimento das grandes figuras das Escrituras recebidas; 3) ainda o admirável recurso às citações explícitas de “cumprimento”, dez vezes usadas, que fazem ver Jesus como o cumprimento-plenitude daquelas Escrituras (1,22-23; 2,15; 2,17-18; 2,23; 4,14-16; 8,17; 12,17-21; 13,35; 21,4-5; 27,9-10); 4) embora sem o quadro introdutório das anteriores, há que considerar ainda, dentro deste projeto, outras citações de cumprimento, igualmente importantes, que atravessam o texto (2,5-6; 3,3; 11,10; 13,14-15; 15,7-9; 21,42); 5) há ainda dois casos de citações implícitas ou «citações em branco»⁵, durante a Paixão de Jesus, que aludem ao cumprimento das Escrituras, sem, todavia, fazerem alusão a qualquer texto preciso (26,54 e 56)⁶; Rolland Meynet, no entanto, convida-nos a ver por debaixo

⁴ G. SEGALLA, *La tradizione di Gesù e la rivelazione di Dio ad Israele in Matteo*, in G. ANGELINI (ed.), *La rivelazione attestata. La Bibbia fra testo e teologia. Raccolta di studi in onore del Cardinale Martini, Arcivescovo di Milano, per il suo LXX compleanno*, Milão, Glossa, 1998, p. 200.

⁵ R. MEYNET, *Leggere la Bibbia. Un'introduzione all'esegesi*, Bolonha, EDB, 2004, p. 183.

⁶ R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, Grand Rapids, Eerdmans, 2007, p. 10-14. Veja-se também com proveito o estudo criterioso de SEGALLA, p. 197-234.

destes textos as figuras de G^N 9,6 e Is 53,12⁷; 6) há ainda o cenário da morte-ressurreição de Jesus, que, neste Evangelho, pode ser lido como a «lenda de um furto» (27,62-66; 28,11-15), agraphando-se a G^N 3, ou como a «história de um dom» (28,1-8.16-20), que constitui uma analepse da inteira Escritura.⁸

Neste âmbito de compreensão, o Evangelho segundo Mateus resulta um livro perfeitamente “bíblico” e constitui excelente ponte de ligação às Escrituras recebidas e portal admirável dos escritos neotestamentários. É certamente por todas estas razões conjugadas que o Evangelho segundo Mateus é o primeiro na ordem canónica e aparece a abrir o Novo Testamento.

Veja-se também J. MILER, *Les citations d'accomplissement dans Matthieu. Quand Dieu se rend présent en toute humanité*, Roma, Pontificio Istituto Bíblico, 1999; P. BEAUCHAMP, *Lecture christique de l'Ancien Testament*, in *Biblica*, 81, 2000, p. 105-115; COSTIN, p. 42.

⁷ MEYNET, p. 192-196. A citação de MT 26,56 precisa que se trata de cumprir «as Escrituras dos profetas». E no versículo imediatamente anterior (MT 26,55) lê-se que «como contra um malfeitor, saístes com espadas e varapaus para me prender». O texto dos profetas que mais se aproxima é, de facto, Is 53,12: «Foi recenseado entre os malfeitores.» A citação de MT 26,54 refere genericamente o «cumprimento das Escrituras». Mas a referência parece ser feita ao dizer de Jesus em MT 26,52: «Todos os que tomam a espada, pela espada morrerão», que bem pode reclamar o dizer de G^N 9,6: «Quem derrama o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado.» Há ainda, todavia, entre estes dois últimos cenários uma reviravolta: no texto do Génesis, perecem os violentos no dilúvio, e salva-se o justo (Noé); no texto de Mateus, salvam-se os violentos, e perece o justo (Jesus).

⁸ MEYNET, p. 96-101.

ÍNDICE

Apresentação.....	5
-------------------	---

PÓRTICO DE ENTRADA

1. O que é um Evangelho, um <i>Euaggélion</i> ?.....	9
2. Porque é que o Evangelho segundo Mateus é o primeiro na ordem canónica?.....	11
3. Para ler o Evangelho segundo Mateus.....	15
3.1. <i>Como encarar a narrativa</i>	15
3.2. <i>Os dois marcos narrativos</i>	16
3.3. <i>À volta de cinco discursos</i>	18

LEITURA TEMÁTICA

1. O Discurso das Parábolas ou o Reino de Deus com pausa e bemol.....	23
2. Os Discursos Missionário e Eclesial ou a Graça da Missão e do Perdão.....	29
2.1. <i>A Graça da Missão</i>	29
2.2. <i>A Graça do Perdão</i>	34
3. O Discurso programático da Montanha e o Discurso Escatológico ou dizer «Pai Nosso» e fazer a Sua vontade.....	49
3.1. <i>O Discurso programático da Montanha ou Dizer «Pai Nosso» e outros dizeres</i>	49
3.2. <i>O Discurso Escatológico ou o Filho e os seus irmãos e a prontidão do que se faz</i>	67

4. O relato da Infância e da Paixão e o anúncio da Ressurreição ou o Rei que não reina desde fora	87
4.1. <i>O relato da Infância</i> <i>ou o Rei que não reina desde fora</i>	87
4.2. <i>A lenda de um furto e a história de um fruto</i>	95
Bibliografia	107